

A natureza dos rios nas *Notícias Práticas das Minas de Cuiabá*: a trilha das águas nos Pantanais do centro da América do Sul

THEREZA MARTHA PRESOTTI

*Professora do Departamento de História da
Universidade Federal de Mato Grosso*

Os rios foram os caminhos da conquista colonial dos sertões e minas de Cuiabá e Mato Grosso nos princípios do século XVIII. Para se chegar aos sertões centrais do continente sul-americano navegava-se por rios da bacia Paraná-Paraguai, conforme indicam antigos roteiros de sertanistas apresadores de indígenas e os percursos das monções paulistas. A viagem na trilha das águas durava de quatro até seis meses.

As partidas do rio Tiete em São Paulo ou retorno das *Minas do [rio] Cuyabá* geralmente ocorriam entre fins de maio e meados de junho, após o período mais intenso das chuvas e antes das secas, quando os rios se encontravam em melhores condições de navegabilidade.

Após o descobrimento do ouro nos barrancos do rio Coxipó e outros afluentes do rio Cuiabá no ano de 1719, as viagens fluviais ou *monções* passaram a ser realizadas anualmente. Supõe-se que a palavra *monção* tenha sua origem em algum dialeto árabe e se popularizado entre os marujos portugueses nas navegações ao Oriente. Os navegantes usavam-na para designar os ventos alternados que determinava a melhor época para navegar no oceano Índico.¹ Mas ao que tudo indica, o significado sofreu transformações. Em Portugal e na América portuguesa, *monção* viria a designar as estações adequadas às viagens ou os períodos do ano em que sopravam os ventos propícios à navegação. Assim os luso-paulistas adotaram essa mesma designação, pois as viagens de canoas para se chegar até Cuiabá estavam condicionadas ao período do ano mais propício para se vencer a “derrota dos rios”.

Esta foi a trilha das águas percorrida no decorrer do século XVIII: embarcavam no rio *Tietê*, na altura de Araritaguaba (atual Porto Feliz), pró

ximo à vila de Itu. Remavam rio abaixo cerca de um mês, “vencendo muitos perigos” com pedreiras, correntezas e saltos dos rios até chegar ao *rio Grande* (ou Paraná). Navegavam um bom trecho no rio Paraná até alcançarem a barra do *rio Pardo*, por onde subiam um longo trecho encachoeirado. Seguiam até suas nascentes, passavam pela lagoa Sambixuga e, com as canoas às costas dos negros, chegavam ao local conhecido como varadouro² do *Camapuam*. Aí faziam roças e compravam o que podiam da produção de milho, feijão, galinhas e outros produtos, abastecendo-se de mantimentos para continuar viagem pelos rios. Após a travessia por trecho de terra e cabeceiras do riacho Camapuam chegavam ao *rio Coxim* (ou Cocheim), cruzando para os rios *Taquarimirim* e *Taquari*, já no ambiente dos *Pantanaís*, por onde remavam por vários sangradouros ou braços de rios, ilhas e lagoas. Do *rio Mboheteu* ou *Boheteu* (Miranda), passavam ao rio *Paraguaimirim* e entravam no caudaloso *rio Paraguai*. Pelo *Xiané*, um pequeno braço do rio Paraguai, continuavam subindo à direita até o *rio dos Porrudos* (atual rio São Lourenço), e deste ao *rio Cuiabá*, onde se situava o porto de chegada: as minas de Cuiabá.

Um conjunto de narrativas setecentistas - as *Notícias Práticas das Minas de Cuyabá*³, recolhidas nas primeiras décadas do XVIII pelo padre matemático jesuíta, Diogo Soares, relatam as viagens por aqueles caminhos dos rios para as conquistas lusopaulistas nos sertões do centro da América do Sul.

“Conhecimento ou coisa que vem ao conhecimento”, esse é o significado dado à *Notícia* em dicionário publicado em Lisboa nas primeiras décadas do século XVIII. Raphael Bluteau, o autor do *Vocabulário português e latino*, sócio da Academia Real de História Portuguesa,⁴ continua sua definição: “Noticiar” é dar a alguém conhecimento de alguma coisa. Nesse mesmo dicionário setecentista, *Prática* é “o exercício, o ato de colocar em prática os preceitos de uma arte”. Ao exemplificar, toma a Geometria, como uma ciência prática, pois é “um tratado particular, que ensina a fazer e dividir as linhas, delinear as figuras, e as Ciências Práticas se aprendem não especulando, se não exercitando”. Há também outro sentido dado à *prática*: “uso, costume, estilo”, e ao homem “prático”, é o “experimentado, versado, perito”.⁵

Diante desses significados, as *Notícias Práticas das Minas do Cuyabá* podem ganhar uma primeira tradução: o conhecimento ou informações a respeito das Minas do Cuiabá, dadas a conhecer por homens experientes nas conquistas dessas minas. Importa esclarecer que as *Notícias Práticas* foram reunidas para atender às instruções do rei D. João V aos padres matemáticos Domingos

Capacci e Diogo Soares para que se fizesse a descrição geográfica de todo o estado do Brasil, inclusive da parte dos sertões, para composição do *Atlas da América Portuguesa*. Os padres jesuítas matemáticos teriam de procurar saber sobre “a capacidade dos portos e dos rios, se são navegáveis, até onde, com que embarcações, em que parte se passa a vão ou em canoas; que gente habita as suas margens; se neles há algum pescado; se tem arvoredos na sua vizinhança”.⁶

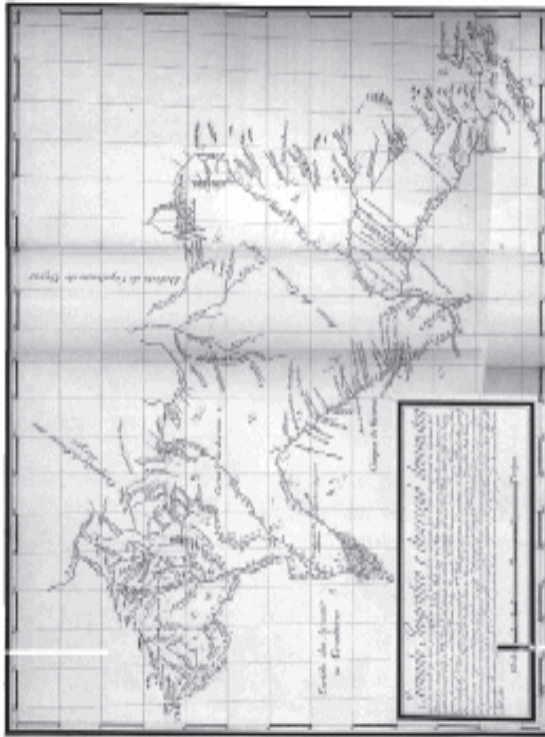
Das oito *Notícias Práticas das Minas do Cuyabá*, cinco são as que tratam mais detalhadamente dos roteiros ou trilhas das águas: a primeira, a quinta, a sexta, a sétima e a oitava.⁷ Estas foram as *Notícias* privilegiadas neste artigo por se tratarem de narrativas de autoria sertanista, considerados “homens práticos” dos sertões; excetuando-se a 6^a *Notícia* do português Gervásio Rebelo, secretário do governador da capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes que fez a viagem às Minas em 1726. Nas descrições, além dos roteiros que indicavam o caminho para as Minas de Cuiabá, é possível destacar as percepções de aspectos da natureza das águas, onde estão enfatizados os violentos perigos, os excessivos trabalhos e as grandes dificuldades a se vencer. Também se lêem descrições da experiência ou “prática” dos sertanistas paulistas com alertas dos riscos nos trechos acidentados dos rios, e dos possíveis ataques “traíçoeiros” dos índios Caiapós, Cavaleiros-Guaicurus e canoeiros Paiaguá.

Nas narrativas, cada rio adquire uma identidade própria. Ao adentrarem o ambiente do Pantanal, mais nítida é a admiração dos narradores com a grande quantidade de águas que diziam formar um “mar oceano” e a abundância de peixes. Mas não deixam de anotar os extremos dissabores, como as doenças em trechos de maus ares e infectas águas, os excessivos calores, os bichos ou “imundícies” de que se alimentavam os índios e a constante e infernal “infestação” de mosquitos.

As dificuldades dos tripulantes em fazerem suas anotações nas canoas ou nos momentos de pousos estão registradas e muito deve ter se perdido devido aos percalços comuns a essas expedições. Gervásio Rebelo, secretário do general de São Paulo Rodrigo César que foi governar a Capitania de São Paulo nas Minas de Cuiabá, ao escrever a *Relação Verdadeira da Viagem às Minas do Cuyabá* [6^a *Notícia Prática*], narra que todos os riscos, sustos e medos os deixavam embaraçados, a ponto de não ser possível “fazer acento” das paragens em que pernoitava a tropa; e muito menos saber os nomes das cachoeiras em que a cada dia a expedição passava. Por seguirem viagem com muita pressa,

alegou não ter sido possível mencionar as canoas e as tropas que se perderam e ficaram para trás.⁸

Também o capitão João Antônio Cabral Camelo, sertanista comerciante que fez a viagem pelos rios às minas cuiabanas em 1727, inicia a *1ª Notícia* [escrita em 1734] falando da extrema dificuldade que atravessou. Enfatizou o empenho em fazer o melhor para anotar as informações solicitadas pelo padre matemático Diogo Soares, mas observa não ter sido possível “porque os contínuos perigos e riscos desta derrota não dão lugar a se atender a nada”.⁹



Terras e rios da capitania de São Paulo. Século XVIII. Casa de Ínsua (CI-18^a). Apud. A formação territorial do Brasil. Oceanos. n.º. 40. Lisboa, Out./Dez. 1999. p. 150.

ONDE COMEÇAM OS PANTANAIS: O ARREBATADO RIO COXIM E O TAQUARI FARTO DE PEIXES

Em todas as *Notícias Práticas*, o rio Coxim¹⁰ se apresenta como rio de grandes obstáculos por suas violentas águas. Assim se lê em trecho da 8ª *Notícia* ou Carta aos navegantes monçoeiros que queriam fazer a viagem para as minas de Cuiabá:

Fúnebre e horrorosa viagem é que vos prepara nesta barra amados amigos meus: é aquele rio tão celebrado como temido dos Sertanistas mais práticos, e assim o tratam com o mais respeito dando-lhe o nome de rio *Cocheim* [Coxim]. *Rio* que se fosse o primeiro nesta viagem, ninguém a empreenderia, porque rara a canoa que não perigasse nela pelos *enumeráveis precipícios e correntezas violentas que em si tem*.¹¹

No *Roteiro Verdadeiro* ou 7ª *Notícia*, o sertanista Manoel de Barros informa que do novo embarque com canoas e cargas no riacho Camapuam gastavam-se 12 dias desviando de muitos paus caídos até chegar no rio *Quexeim* [Coxim].¹² Durante cinco dias enfrentavam itaipavas [corredeiras com pedras], cachoeiras e locais batizados com nomes que sinalizam acontecimentos trágicos tais como *Cilada Grande* e *Sepultura*.¹³

Em outubro de 1726, a tropa do capitão-general Rodrigo César que seguia para as Minas de Cuiabá chegou ao “caudaloso e muito arrebatado rio Quexeim, com muitas cachoeiras e itaipavas e canais estreitos por entre pedras em que correm as águas com grande fúria”. No lugar que dormiram, em frente a uma grande ribanceira, há a descrição de um ribeirão que, ao cair nesse rio, “o faz parecer um *castelo da natureza* com a sua cortadura para a parte do rio tão direita, que parece feita ao picão”. Todo esse rio corre entre rochedos tão altos, que em muitas partes não bate sol e “se faz triste e medonho a quem o navega”. No primeiro varadouro, a comitiva levou as cargas com grande “trabalho e moléstia”, perdendo canoas e mantimentos. A viagem continuou por funis, cachoeiras, várias correntes, muitas itaipavas, sirgas, algumas tucundubas e mais alguns varadouros. Em um varadouro maior, “descarregaram as canoas já de tarde e passaram as cargas para outra parte sem dormirem por toda a noite brancos e negros”. Enfrentaram escaramuças de caldeirões, redemoinhos, correntezas até chegarem à noite na roça de João de Araújo, no rio *Taquari-mirim*. No *Taquari-assú*, a monção atravessou a cachoeira “com

tanta violência de água por um canal tão estreito e cercado de pedras e de penhascos que qualquer leve toque da canoa basta para sacudir a gente e as cargas e perder tudo”. Foi aí que uma canoa virou e se afogaram dois negros e uma negra. Partiram na madrugada e só pararam às três da tarde, quando se banharam no rio para se refrescarem do excessivo calor. Rio abaixo, “um vento contrário embaraçou a jornada” e nesse dia tiveram “a mágoa” de cair no rio um moço branco, que se afogou. O secretário Rebelo observou que já navegavam *nos pantanais*, relatando o que via nessa nova paisagem e o impacto que sentia pelas dificuldades em trafegar num ambiente de cruzamento de rios, cheio de aguapés, desesperado com os ataques de nuvens de mosquitos, além do cansaço pelos excessivos calores:

Todos estes dias navegamos pantanais, com vários rios, que entram neles por cuja causa são precisos bons pilotos e bons práticos. Andar-se-iam 10 léguas encontramos já as águas do Paraguai mirim. De noite ninguém dormiu por respeito dos grandes bandos de mosquitos que nos puseram a todos na última desesperação sem que nos valesse remédios.¹⁴

Ao passar pelo Taquari-mirim, entraram à direita no rio Paraguai-mirim. Em um dia inteiro de navegação, o narrador, secretário Gervásio Leite, observou ser “tudo pantanais cheios de água com uma erva rasteira, que chamam “agoapés”[aguapés] e que tapam os rios e canais tanto, que ainda os mais práticos se confundem e perdem neles”. Nesse dia, a comitiva avistou várias ilhas dessas ervas que desciam o rio. Descobriram depois o motivo: as tropas que haviam seguido na frente as cortaram para desobstruírem os canais e rios para se navegar com segurança. Comenta o secretário que isso embaraçou a viagem, ficando as canoas enroscadas no mato. Após andarem mais 10 léguas, Gervásio Rebelo desabafa seu cansaço “por causa dos calores e águas quentíssimas”, e quando esperavam algum sossego se viram “hospedados de inumeráveis mosquitos”.¹⁵

Na viagem às minas em 1727, Cabral Camelo também passa pelo rio Coxim com uma série de dificuldades nas cachoeiras, pois “corre a maior parte entre brenhas muito altas, quase sempre entre morros”. Para ele, o rio é “arrebataadíssimo e tem três saltos perigosíssimos”. Logo abaixo do terceiro salto, entra pela margem esquerda do Taquari-mirim e ainda à vista deste deságua o Taquari-assú, entre os quais há uma roça povoada. É em frente

dela que o Taquari-mirim e o Coxim desaguam no rio Taquari. Mais adiante, logo no princípio do rio Taquari, Camelo cita uma perigosa cachoeira que a expedição atravessa passando as canoas por terra pela margem direita. Logo abaixo, há duas itaipavas, que uns passam a remo e outros a sirga. Navegando o rio Taquari abaixo por cerca de 10 ou 12 dias, o autor também descreve vários sangradouros, que formam as grandes lagoas do Pantanal. É interessante notar como nesse relato escrito em 1734 já aparece a identidade social dos “cuiabanos” e a caracterização geofísica do ambiente: *Pantanal chamam os Cuiabanos a umas vargens muito dilatadas, que começando no meio do Taquari, vão acabar quase junto ao mesmo rio Cuiabá. Este rio Taquari até o meio tem alguns matos, o mais tudo são campos.*¹⁶

Taquari quer dizer “água de taquara”. O significado do nome foi apresentado por Francisco Palácio no *Roteiro* de 1726, narrativa quase idêntica à 8ª *Notícia Prática*. Na parte do rio ou ilha chamada *Prensa*, navegando para baixo pela parte direita *principiavam os pantanais*, que o sertanista assim caracteriza: “campos alagados com vargens, lagoas e sangradouros. Aqui há muita caça e peixe”.¹⁷

Os passageiros das monções que estivessem se guiando pelas indicações da 8ª *Notícia Prática* deveriam estar alertas para vencer desafios, mas depois poderiam se alegrar neste rio Taquari. Descreve o rio abaixo como sendo bastante largo e com muitas ilhas, mas não livre do perigo “porque corre com muita violência e tem pelo meio alguns paus caídos, em que topando livremente a canoa, é fácilimo que virareis”. Apesar dos riscos, os trabalhos nas canoas já não eram tantos e a fartura da natureza se apresentava: “Deste rio por diante há mais fartura e menos fome por que *há já muito mel e caça, muito palmito e bastante peixe*”. Recomenda que se navegue passando várias ilhas até chegar a uma que se chama *Prensa*. Explica que naquele local o rio se dividia em duas partes, sendo a direita mais limpa. É alerta: “vigiai-vos em terra das onças, bravos bichos do mato que aqui não faltam”. E continua alertando e orientando

os navegantes, sinalizando na paisagem os típicos buritizais pantaneiros: Navegarei avante, mas sempre com o mesmo cuidado e sentido, e vereis que se parte outra vez o rio em duas partes destes; ide pela direita que ainda que é a mais estreita, é melhor: em frente desta vereis umas grandes touças de coqueiro a que chamam *buritizes* com a folha muito verde mas escura.¹⁸

O *Roteiro Verdadeiro*, de Manoel de Barros, também apresenta a região do rio Taquari-mirim com muita fartura, principalmente peixes. Relata a difícil travessia de uma grande cachoeira, onde tiveram que descer as canoas por meio de cordas. Logo após vencido este perigo, “um poço de muito peixe, melhor pouso para se poder pescar, porque começa já deste poço adiante a haver mais fartura. O peixe é muito e gordo, e com diverso gosto, mais bravio todo”. Descendo um pouco mais o Taquari, completando a viagem com mais de cem dias, se chega na *Prensa*, local para um “conveniente pouso”. E explica o porquê desse nome: “uns sertanistas dos antigos tendo aqui suas roças fizeram prensas para espremer a farinha”. Também nessa região identifica ser o começo dos Pantanaís onde tem ali umas ilhas onde os passarinhos costumam fazer seus ninhos e procriar.¹⁹ Abaixo da Prensa, o sertanista Manoel de Barros orienta que se navegue sempre os braços da mão direita até chegar a um deles “bastantemente grande”. Retrata a paisagem já outras vezes descrita: “um buritizal grande que parece um formoso bananal, e são palmeiras de charcos”. Em outro braço pequeno de rio pela direita, descreve um pouco mais da paisagem do pantanal: “um campo largo cheio de aguapezais, que são como um modo de lagoas ou pantanaís coberto de aguapés”.²⁰

O capitão Cabral Camelo, que passou por essa mesma trilha, também descreveu pequenos montes, ou morrinhos, onde o rio Taquari desaguava ou “fazia barra” no rio Paraguai-mirim. Sua descrição revela ainda mais detalhes do labiríntico ambiente aquático e a presença temida dos índios Paiaguá:

Este rio é um braçinho do Paraguai-assú que sai dele pela parte direita e se divide em outros muitos, que cruzam de uma pra outra parte. Está comumente cercado ou cheio de umas ervas a que chamam aguapés que de algumas vezes é preciso cortá-las para poder passar adiante; motivo que os mais práticos se perdem nele, e neste rio são certos os Paiaguás.²¹

Para o narrador da *8ª Notícia* não pareceu fácil explicar aos seus “amigos”, pretendentes das minas, o caminho que se deve navegar no rio Paraguai-mirim. Por isso recomendou a companhia de “bons práticos, que o tenham navegado algumas vezes”. Mas alerta aos que quiserem arriscar sem os práticos, que observem com muita atenção o sentido nas águas e a cor delas, indo sempre contra a sua correnteza. Nessa descrição, a imagem da paisagem do Pantanal como um imenso labirinto de águas, de diversas cores e movimentos:

Vereis em várias partes várias barras, que todas parecem ser o mesmo rio, e facilmente confundem os que navegam. E são muitas vezes causa de se perderem nelas ainda dos mais práticos errando o caminho e a viagem; e para o que serve a cor das águas, que acima vos recomendo. E que deve ser esbranquiçada e turva, e esta facilmente se desconhece tomando outra qualquer barra porque achareis nela água clara e limpa, e sem correnteza alguma. Estas barras são de alguns sangradouros, que entram nos pantanais. E se estes estiverem cheios vos hão de parecer um mar de Espanha, e então vos ficará impossível conheceres as águas turvas que devem ser toda a vossa guia, até entrades no rio Paraguai-assú.²²

O *Roteiro Verdadeiro* repete as dicas de como se deve navegar pelos rios Taquari e Paraguai-Mirim, com descrições das águas pantaneiras, recomendando atenção por onde corre a água. Acrescenta, ainda, um dado interessante: por estarem as águas todas cobertas de aguapés,²³ o canal por onde se deve sair é por “onde inclinaram as ditas ervas”, e logo se dará em barra aberta e já daí se avistarão os montes do outro lado do rio Paraguai. Por campos largos se chega rio Paraguai-mirim, que é “muito manso”. Pela direita, segue-se a maior correnteza e a água turva. Nessa barra do Paraguai-mirim se costuma pousar e seguir as pequenas marchas. Após quatro dias, chega-se ao rio Paraguai-grande onde é possível desembarcar e fazer pouso.²⁴

NO PANTANAL DO RIO PARAGUAI: UM MAR-OCEANO ONDE SE COLHE O ARROZ

Já no Pantanal, os narradores das *Notícias* expressam percepções que revelam quase sempre admiração diante da amplidão das águas do rio Paraguai-assú. Na língua indígena, *assú*, significa grande, ao contrário de *mirim*, que se diz para o que é pequeno. Apesar de ser este um dos menores trechos de subida na trilha das águas, não era uma tarefa fácil atravessar as grandes águas. Dessa vez, os perigos e os incômodos não vinham da violência das águas, das cachoeiras e dos saltos. Desde que começaram a adentrar o Pantanal, a maior ameaça eram os ataques dos índios Cavaleiros-Guaicuru e dos Paiaguá. Além dos índios, os perigos e incômodos que se apresentavam eram as fortes ondas provocadas pelos ventos, as chuvas torrenciais, a ameaça das onças, a fome pela falta de mantimentos e a terrível infestação de mosquitos.

Portanto, em se tratando da natureza, interessa continuar destacando as percepções e manifestações de sentimentos em relação às águas, ao clima, aos animais, à vegetação e a outros aspectos do ambiente. Torna-se perceptível desde já que os sertanistas tinham uma definição para o ambiente do Pantanal, manifesta desde que iniciam suas narrativas do percurso pelos rios Taquari e Paraguai-mirim. O único narrador que às vezes foge à regra é o secretário português Gervásio Leite Rebello. Por estar certamente acompanhado de pilotos práticos e sertanistas, percebe-se a tendência em reproduzir percepções semelhantes às dos demais relatores; mas vez ou outra manifesta o “olhar” europeu, do colonizador empreendedor da conquista colonial.

Há ainda muito a observar dos olhares e sentimentos desses monçoeiros e narradores das *Notícias* acerca do ambiente do Pantanal no rio Paraguai. A descrição de Antônio Pires de Campos permite ter uma idéia do conhecimento do ambiente adquirido por sertanistas paulistas práticos que percorriam os sertões na caça aos gentios e/ou guiando os mineiros e comerciantes até as Minas de Cuiabá:

É este Pantanal umas dilatadas vargens que terão cinqüenta e mais léguas de terra, inundam-se a seu tempo com as enchentes dos rios que entram no Paraguai em tal forma que represadas as águas formam um mar e nem é possível por espaço de cinco a seis meses conhecer-se a madre de nenhum daqueles rios, ainda que caudalosos.

E continua a detalhar aspectos do clima nas diversas estações do ano, marcado pelas chuvas e estiagens com as enchentes e vazantes. Destes ciclos das águas relaciona as incidências de pestes e recomenda os períodos mais propícios para a navegação nos rios. Apresenta ainda as condições de sustentabilidade propiciada no tempo das enchentes com a colheita do arroz, a abundância de peixes e as caças, o “comum sustento do gentio”, e que podiam ainda alimentar as tropas sertanistas e as monções:

O tempo dessas enchentes é sempre o melhor e o mais cômodo para se navegar para as minas, e se escapa das pestes e fome que se pode muitas vezes padecer neste lugar. É porem a derrota muito mais breve havendo prático, muito mais livre do gentio, e tem a felicidade de se colher o arroz em abundância, porque cresce na medida da enchente, enquanto não amadurece; tanto que em partes se não acha fundo menos que 50 e 60 palmos, sendo o comum de 24 e 25.

O peixe é inumerável, têm também capivaras, jacarés e sucuruhy, que são o comum sustento de todo aquele gentio.²⁵

Chama atenção o arroz, que se colhe em abundância, e do qual o sertanista anônimo autor da 8ª *Notícia* [certamente o mesmo Francisco Palácio] também faz referência: “nesta viagem por entre pantanais e campos rasos, cresce uma erva cuja semente é semelhante à do arroz, mas não tão perfeita como a do povoado. É, porém, sustento de quem a colhe”.²⁶

Aqueles que iam a Cuiabá e tinham como guia o *Roteiro* de Francisco Palácio ou a *Carta aos pretendentes das Minas* [8ª *Notícia*], ao prosseguir a viagem no Paraguai-grande, saberiam ser este rio muito largo, sem cachoeiras e sem paus, com o risco de ventos fortes. Por isso, o *Roteiro* recomenda que se seguisse sempre o lado mais direito do rio, “fugindo das ressacas, voltas e sangradouros”. Observações sobre o ambiente do rio acima indicam a presença de muitas lagoas, alguns morros e “uma grande baía quase da largura do mesmo rio”. As descrições remetem ao que mais se parece um novo labirinto de águas.²⁷

Na *Notícia 5ª Prática*, o sertanista Antônio Pires de Campos também informa sobre a grande baía, a *Ybaiba* (Guaíba) na subida do rio Paraguai, onde podia se ver naquela época (c.1730) “uma grande cruz de pedra que se crê por tradição ser posta pelo apóstolo S. Thomé”. Essa informação, vinda de um pioneiro no devassamento dos sertões do Cuiabá, é um incrível sinal do imaginário cristão que ficou registrado nesta escrita sertanista, conforme ele mesmo narrou: “se crê por tradição”.²⁸

Manoel de Barros, que escreveu seu *Roteiro Verdadeiro*, não dedica mais que cinco linhas para esse grande rio Paraguai. Diz apenas que saiu de onde o rio Paraguaimirim deságua no Paraguai-grande, local de seu último pouso – e com três dias de viagem, “sem impedimento algum”, chegou ao rio dos Porrudos.²⁹

Mas, da viagem da tropa do governador da Capitania de São Paulo, as descrições de seu secretário tornam a detalhar aspectos da natureza das águas no início do tempo das chuvas. Após navegarem pelo rio Paraguai-mirim e pantanais, chegaram ao rio Paraguai no meio da tarde e acamparam “com pouca comodidade por falta de lenha, paus para rede e palha para os ranchos”. Como no mês de outubro iniciavam-se as chuvas no Pantanal, naquela noite não faltaram mosquitos e uma “grande trovoada”, que alagou a maior parte das canoas, causando “grande perda”. No dia seguinte, mesmo com chuva, navegaram rio acima. Como havia ventos fortes e risco de ondas, a tropa se

recolheu por um rio que dava saída para o sertão pela esquerda. E o anotador faz uma breve descrição do rio Paraguai: “este rio é bem fundo, largo e caudaloso, com vento inavergável”.³⁰

No *Roteiro Verdadeiro para as Minas do Cuiabá*, já quase na conclusão de seu relato, Manoel de Barros retoma descrições do Pantanal, ao mesmo tempo em que faz observações sobre o clima. Relembra ter alertado desde o princípio que só se deve partir em monção para as minas no período entre 20 de maio e o dia de Santo Antônio, ou seja, 13 de junho. Se assim adverte é principalmente porque o início das chuvas aumenta o risco de enchentes nos rios e, “como são caudalosos, o ficam muito mais com as novas águas e vertentes da serra de Cuiabá que todos recebem em si e assim se fazem inavergáveis”. E do rio Paraguai-mirim para diante, que é o rio Paraguai, “tudo são vargens” e

se não se vê mais que um mar e como se não divisam os rios nem os canais, é fácil ainda aos mais práticos a perderem-se. É não menos perigosa esta viagem no tempo em que os ditos rios começam a vaziar e meterem-se nas mães e que é de março a abril até maio e junho por ser nesse tempo segura a peste, ou malignas em todo aquele sertão. E assim é preciso o livrarem-se os que vierem para estas Minas das enchentes e vazantes, e partindo só no tempo acima declarado.³¹

João Antonio Cabral Camelo, que escreve a *1ª Notícia* ao padre Diogo Soares, enfatiza ser o rio Paraguai território dos Paiaguá. Segundo ele, fora informado por sertanistas antigos que os ranchos dos Paiaguá estavam em uma das muitas ilhas, cerca de quatro a cinco dias rio abaixo depois do desaguadouro do rio Paraguai-mirim. Nesse seu relato se pode examinar que estavam bem informados a respeito dos índios, e sabiam o quanto esses dados eram relevantes para a Coroa portuguesa, já que os Paiaguá representavam uma ameaça à conquista das minas de Cuiabá. Ao residir nas minas por quatro anos, pareceu também bem informado a respeito das paisagens dos rios, permitindo uma visão panorâmica da hidrografia e fornecendo um mapeamento dos locais onde já haviam chegado os sertanistas paulistas em suas conquistas:

Esse rio Paraguai me parece maior que o rio Grande. É cercado todo de matos, tem muitas ilhas, sangradouros e baías dilatadas. Quase no meio que o navegamos se divide em dois caminhos: o do lado direito, que é um dos sangradouros que se chama Xianés e do lado esquerdo é a Madre, ambos se seguem, mas por

este só navegam bastantes dias os que saem de Cuyabá à conquista do gentio Parassis e Maybores, até encontrar no rio Cepotuba [Sepotuba], que entra no Paraguai pela parte esquerda.³²

Essa descrição evidencia as abundantes matas ciliares nas margens do rio Paraguai, estando “todo cercado de matos” e a complexa trilha das águas por onde iam os sertanistas apresar ou escravizar os indígenas Paresi e outros “gentios”.

Voltando a acompanhar a viagem do capitão-general, ao entrarem no Xianés – um grande braço ou sangradouro do rio Paraguai –, observa-se que a temperatura dos fins de outubro provocava incômodo no secretário Rebelo. Após navegarem por todo o dia de 24 de outubro de 1726, pousaram no fim da tarde com “grande moléstia por causa dos muitos calores e sol intenso, que refletindo na água abrasava mais”. No mesmo dia, descreve um pouco mais da paisagem, contando ter avistado à esquerda uma serraria de morros, que vinha observando desde o Taquari: “é a cordilheira de vai correndo para o Cuiabá, em que dizem há algum gentio, e minas de ouro e esmeraldas”. Apesar de todo o calor se vê manifestado o imaginário mobilizador das conquistas, o sonho do Eldorado no centro da América do Sul.³³

NO ESPAÇOSO, ALEGRE E ABUNDANTE RIO DOS PORRUDOS E NO DESEJADO RIO CUIABÁ

Após atravessar a amplidão das águas do rio Paraguai, a viagem segue nos pantanais dos rios Porrudos e Cuiabá, acompanhando percepções que foram registradas nas *Notícias Práticas*.

No *Roteiro Verdadeiro* ou 7^a *Notícia* está indicado que, ao não pegar o atalho do Xianés, em três dias de navegação pelo Paraguai acima, “sem impedimento algum”, se chega à barra do rio dos Porrudos e se pode montar acampamento. Descreve o rio dos Porrudos desaguando pela margem direita no Paraguai em grandes correntezas, sendo sua água limpa. Bem no barranco à esquerda tem um morro alto e agudo de pura pedra. Após seis dias rio acima, chega-se à barra do Cuiabá. E comenta que “neste sertão houve muito gentio de que este rio tomou o nome, ainda há nele alguns restos e assim é necessário cuidado.”³⁴

Rios que em seus nomes remetem às territorialidades indígenas: *Porrudo* é nome de um gentio que por este rio habitava; *Cuyabá* nome da nação de gentios cuyabas, que tinham aldeias em suas cabeceiras. Por ficarem já mais próximos das minas, os sinais das espacializações da conquista colonial se tornaram mais freqüentes, tal como descreve Cabral Camelo: “onde deságua o rio dos Porrudos no rio Paraguai iam muitos cuiabanos salgar peixe para venderem”. Porque o rio dos Porrudos se tornara um local de salga de peixes, se pode ver na descrição do mesmo comerciante narrador:

Este rio não cede ao Paraguay em abundância de peixe, porque tem muito e bom, e de toda a casta e não faltam nele onças que tem feito algumas mortes. Vê-se ainda neste um formoso bananal, que foi do gentio que lhe deu o nome, e de onde foram as primeiras mudas para o Cuyabá.³⁵

De acordo com essas observações de Cabral Camelo, esse rio demonstrava ter grande fartura de recursos alimentares no século XVIII, principalmente peixes, em qualidade e diversidade. E, ao observar um formoso bananal em suas margens, comprova-se a introdução de plantas por europeus entre os indígenas, (possivelmente antes da era da conquista paulista), pois se sabe que essa fruta não é nativa da América.

A opinião do secretário do governo de São Paulo, Gervásio Leite, quanto à abundância de peixes e aves oferecida nesse rio não é muito diferente. Quando durante todo o dia 26 de outubro de 1726, o secretário navegou 12 léguas no rio dos Porrudos (São Lourenço) assim anotou o que viu:

É este rio muito caudaloso e espaçoso, alegre e abundante de caça e pescaria, não faltam nele onça e desta avistamos três nas praias e rasto de outras muitas. (...) se continuou a viagem com bom sucesso, houve bastante caça por ser este rio abundante de aves e peixes, principalmente capivaras, piranhas e jacarés.³⁶

É semelhante a percepção de Cabral Camelo deste mesmo rio e do Pantanal no período das cheias na 2ª *Notícia Prática*, diante da dificuldade de encontrar um lugar seco para acampar, quando voltava a São Paulo em 1730:

Todos os que saem do Cuyabá em tempo que está cheio o Pantanal, que é Abril, Maio e Junho, e se as águas são muitas chega a Julho, de sorte que se passa parte do rio Cuyabá, todo o rio dos Porrudos, o Paraguai grande e pequeno, sem se achar terra seca; as mais das noites se dorme nas canoas.³⁷

A estratégia era cortar ramos ou galhos de árvores, não só para fazer as estacas e forquilhas e armar redes com mosquiteiros, mas para acender fogos sobre eles. Esse detalhe também indica que pelo menos uma vez ao ano tropas com uma média de 100 pessoas cortavam ramos para fazer fogueiras, armar redes e forrar o “tejuco” (pequenas ilhas de terras lamacentas). Cabe notar que certamente estas práticas causaram desgastes nas matas ciliares desses rios.

Já chegando próximo das Minas de Cuiabá, se vê anotações de satisfações por estar quase concluído o difícil trajeto das águas e observações da paisagem.

No Roteiro da 8ª Notícia, Francisco Palácio escreve aos que viajam em monções para que naveguem o rio dos Porrudos sem medo do gentio e que irão encontrar várias pessoas que descem das minas para fazer “negócios”. Alerta para que não tomem o caminho para Cuiabá até chegar à ilha Comprida, pois dessa ilha se chegará a outra menor e, depois desta, o rio divide-se em duas partes. A que fica à esquerda é o “vosso desejado Cuyabá: entrei por ele a que é tempo de colher já os frutos de vossa ditada esperança”.³⁸

E assim também descreve Gervásio Leite, a entrada no rio Cuiabá, em 29 de outubro de 1726:

Se continuou viagem pelo rio dos Porrudos, pela uma hora chegamos ao *desejado rio Cuyabá* acima, bem acompanhados de mosquitos e faltos de mantimentos, arranchou-se a tropa perto da noite. Em 30 e 31 se prosseguiu viagem com bom sucesso, e no último dia chegou a tropa pelas três horas da tarde ao Arraial Velho em que estavam o provedor e escrivão do Registro.

Em primeiro de novembro, Dia de Todos os Santos, pela manhã, seguiu-se viagem, “depois de registrados os negros e algumas cargas de negros de algumas pessoas particulares que acompanharam a S.Exc.^{aa}”. Continuando a viagem, pelo caminho registra a “bastante opressão por falta de mantimento” e as pescarias que faziam para sanar a fome, bem como as compras de milho das roças que se produzia na terra. Uma grande chuva que durou toda a tarde e a noite causou alagamentos, acarretando grandes perdas dos carregamentos das canoas. O clima continuou a incomodar, pois comenta o secretário que “cresceram os calores”. A tropa passou a fazer algumas horas de descanso no decorrer da viagem “por se não poderem sofrer os excessivos calores”. Em meados de novembro, perceberam que a estratégia era partir às três horas

da manhã, pousando mais cedo “para se reparar a tropa dos sóis que eram intensíssimos”.

No dia 15 de novembro, no arraial do Senhor Bom Jesus de Cuyabá, a expedição chegou ao seu destino. Depois de subir um morro alto onde devotos colocaram a milagrosa imagem de Nossa Senhora do Bom Despacho, descreve: “daqui se descobre todo o Arraial, e faz uma alegre vista pelo aprazível dos arvoredos, morros e casas que dele se descobre”, com a ressalva:

O clima é ardentíssimo sem que com ele possa ter comparação o do Rio do Janeiro ou da cidade da Bahia, e ainda o do Maranhão e Grão Pará, não obstante o estar estes quase na linha, (...), não experimentei os excessivos calores que aqui tenho sofrido, e ouço dizer geralmente aos que aqui se acham vindos os anos passados, que estes [calores] não diminuem sem chover, e assim ordinariamente andam os homens em suas casas em ceroulas e camisas sem poderem consentir mais roupas alguma. E o é que trazem ordinariamente mais cores. As *sezões* e *malignas* são contínuas, e raras são os que não a padecem, principalmente brancos, porque os escravos são os mais livrados neste país.³⁹

Além do calor e as *sezões* e *malignas* ditas acima, o funcionário da coroa diz que faziam “dois ou três anos que se tem experimentado nestas minas falta de chuvas”. Portanto, poderia estar acontecendo um período de seca e pouco se minerava pela falta d’água nos córregos e rios. Comentou também que com a seca “houve também falta de milho, que é o sustento de brancos e negros por secarem as roças e foi necessário replantá-las”. Ao dizer dos altos preços dos mantimentos e da alimentação, informou sobre algumas plantas e animais de criação que já haviam sido introduzidos no ambiente das minas. O relato faz referências ao milho, feijão, galinhas e porcos. Dá destaque ao milho que conseguiram colher com a chuva de alguns dias, “único remédio e regalo dessas minas”, pois dele se faziam a farinha, que supre o pão, a canjica fina para os brancos e a grossa para os negros.⁴⁰

Na 7ª *Notícia Prática*, Manoel de Barros informou deste derradeiro trecho dos rios do Pantanal para se chegar às minas de Cuiabá. Subindo pelo rio dos Porrudos, chega-se em seis dias à barra do rio Cuiabá e ali é comum acampar. Nos próximos dias, a subida até o famoso Arraial Velho é tranqüila, “sem embarços”. Acima desse arraial, no sítio do Tarumam,⁴¹ se costuma fazer pouso pela “fartura de peixe e caça do mato que aqui há muito”. No percurso pelo rio Cuiabá, descreve ilhas, voltas e braço pequeno ou braço comprido do

rio, pontas de saída de canais, e locais de muito peixe. Apresenta a ocupação das margens dos rios com muitos sítios e produção de roças que conduziam para as lavras. Nesse aspecto dos plantios de roças e sítios, é bem provável que os moradores atessem fogo e desmatassem as matas ciliares às margens do rio para produção do sustento alimentar das minas, já que a prática indígena comumente usada era a coivara ou roças de toco. Continuando rio acima por mais dez dias, a partir da paragem de *Guasú*, onde havia muitos sítios, se chegava na barra do rio Coxipó. Dali gastavam-se dois dias e meio para chegar às “primeiras lavras e descobrimento daquele sertão”. O percurso pelos rios desde Porto Feliz em Itu até chegar às lavras de ouro, totalizou uma viagem de 160 dias ou cinco meses!⁴²

Navegando ainda no “desejado” rio Cuiabá, a 8ª *Notícia* descreve as muitas voltas, travessias de sangradouros, baías e ilhas: novamente um labirinto de águas. São contínuos os sinais do povoamento colonial pelas margens deste rio, tais como o Arraial Velho, as pequenas casas de telha e a Casa de Registro para “dar conta” das cargas. Recomenda aos que pretendem chegar às minas, seguirem viagem entrando por um pequeno afluente da margem direita, dando voltas até encontrar o sítio *Guasú*. Mais adiante, sempre pela madre do rio [fluxo principal] quando ele não esta cheio, se chega ao sítio chamado *Carandá*⁴³ e “há já vários moradores com suas roças”. Nageva-se por muitas baías até que o rio fica bastante estreito e “pelo muito que ali puxam as águas, parecerá que o rio vai para atrás”. E sinaliza mais uma baía, que é o caminho ou um canal que “sucede estar muitas vezes coberto de umas ervas chamada *batuínas*. Adverte que se assim o achar, deverá seguir a correnteza das águas até sair no rio largo e limpo. Ao entrar no rio Cuiabá “de uma, e outra parte tem seu Pantanal, ao depois mato e também seus paus com bastantes correntezas”, pelo qual deverão navegar com cuidado, e após duas voltas se chegará aos morrinhos, onde principiam as roças até o “suspirado porto do Cuyabá”.⁴⁴

Ao navegar por trilhas dos rios do Pantanal, relendo olhares registrados nas *Notícias Práticas das Minas de Cuiabá*, arrisco tecer reflexões e sínteses dos aspectos das percepções da natureza das águas na primeira metade do século XVIII no centro da América do sul. Pode-se destacar que a ênfase dos relatos recai em indicações dos rios como caminhos para se chegar às minas de Cuiabá. Os caminhos fluviais foram descritos como a “derrota a ser vencida”, no sentido de descrever e alertar para o exercício prático ou experiência do

domínio da natureza das rios: como se podia vencer a forças das águas nas cachoeiras, correntezas, redemoinhos; onde navegar com menores perdas e danos; onde fazer pousos e colher mantimentos de roças, caças e frutas dos matos e peixes dos rios; os sinais do povoamento ameríndio e as estratégias de como vencer ou desviar dos ataques das nações de “gentios bárbaros”.

Os relatos revelam ainda o encantamento e admiração diante da imensidão das águas do Pantanal e abundância de peixes; e por suas margens os melhores lugares para os pousos, as boas caças, os palmitos das matas, os arrozais “naturais” nas vargens e as roças de bananas e canas cultivadas pelos índios.

A natureza desconhecida, a ser devassada por novos penetradores, é terra de conquista. Os rios, e as formas como manifestam sua geografia no movimento das águas de saltos, cachoeiras, itaipavas, redemoinhos, ganham as cenas das representações das manifestações da natureza muitas vezes infernais, porque perigosas, causando perdas de vidas e mantimentos, ora por que trabalhosas. Os bichos, como as onças, são vistos como peculiares e abundantes no ambiente do pantanal, causando temor nos momentos dos pousos. Entre as “imundícies”, os mosquitos com suas moléstias infernais também são referências constantes, principalmente pelo narrador português. Os aspectos do clima, notados e anotados por sertanistas e demais agentes da conquista colonial no centro da América do Sul, ao se referir às condições de temperatura, que oscilavam de extremo calor às surpreendentes friagens, e outros fenômenos observados nos períodos de chuvas e secas.

Evidente também a circulação das cópias das *Notícias*, principalmente os *Roteiros* que têm como informantes e relatores experientes sertanistas práticos (5^a, 7^a e 8^a *Notícias*), pois estas parecem ser as fontes guias de Cabral Camelo e Gervásio Leite, autores da 1^a e 2^a *Notícia* de 1727 e 1730, e da *Notícia* 6^a, de 1726. Não se sabe ao certo quem copiou quem primeiro ou se alguns temas circulavam na tradição oral, passando por bocas e ouvidos, sendo registrados nos bicos das penas e nos papéis até chegarem a se tornar *Notícias*. A 8^a *Prática* sem dúvida deve ter ficado conhecida e servido de fonte e guia para outros navegantes que percorreram e narraram os caminhos dos rios, os pilotos proeiros, monçoeiros, sertanistas e escritores das *Notícias Práticas*.

Ao penetrar nos *sertões* desconhecidos, em ambientes “outros” e diante de águas, climas, águas, animais, plantas e gentes tão diferentes, podem ser evidenciadas percepções ou as manifestações da visão antropocêntrica,

utilitarista, já que o mundo natural estava para ser dominado, conquistado, explorado em suas riquezas, para atender aos interesses escravistas mercantis do Império português na América. Também afloraram admirações, medos e os referenciais tinham por base aspectos do clima e da natureza européia e portuguesa frente ao que viam e sentiam. Os novos descobrimentos eram sempre novas possibilidades de fortalecer o poder e o esplendor da monarquia portuguesa e de seus vassallos na colônia brasileira.

A natureza – rios e pantanais, cerrados e florestas, – está representada como “sertões dos gentios” a serem conquistados. Os rios, as trilhas das águas, são os cenários de onde emerge grande parte das descrições da conquista, os sinais da ocupação indígena e suas relações com o ambiente: pelo que plantam e colhem, pelas armas que usam contra os invasores colônias ou seus “inimigos”, pela forma como se sustentam.

Na busca por compreender como se deram as relações das sociedades com a natureza em tempos remotos, no centro da América do Sul, o que se lê é uma seqüência de ocupações que tiveram os rios como trilhas de entradas e saídas, encontros, confrontos, pousos, pescarias, caçadas, colheitas de arroz, palmitos e mel, ataques de gentios “bárbaros”, infestação de mosquitos, perigos e riscos da violência das águas, medo de onças, chuvas e trovoadas, buritizais, falta de mantimentos, calores excessivos...

Natureza das águas e gentios a serem vencidos para se chegar às minas. Provações constantes onde a *Divina Providência* podia trazer as bênçãos da fartura e salvação diante da iminência da morte. Mais do que interpretar filtros ideológicos de agentes da conquista, creio que fui selecionando percepções que apresentaram aspectos dos ambientes em que percorriam no processo da conquista colonial. Impressões diversas que permitem ver as diversas maneiras de ler as paisagens e os “outros”, relatados por diferentes sujeitos que percorriam os caminhos das águas e encontravam os “gentios”.

Nesse breve rastreamento de alguns dos olhares, e que se constituíram em escritas historiográficas ou narrativas “dadas a ler”, creio ter apresentado algumas pistas que tornaram mais visível a natureza das águas dos rios, no conjunto de relações históricas de conquista colonial dos “dilatados sertões” do centro do continente sul-americano.

NOTAS

¹ Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

² *Varadouros* são trechos de terra que tinham que varar ou atravessar para se pegar outro rio navegável, por onde carregavam as cargas e canoas nas costas dos negros [maioria indígenas ‘administrados’] ou em carretas que empurravam sobre troncos roliços que faziam de rodas. O maior varadouro e mais conhecido nesta época foi o *Varadouro de Camapuam*, local das cabeceiras do rio Pardo e do rio Coxim, nos divisores da bacia do Paraná e Paraguai.

³ Estas são as *NOTÍCIAS PRÁTICAS das Minas de Cuyabá na Capitania de S. Paulo*: - *NOTÍCIA 1ª PRÁTICA* que dá ao Ver. Padre Diogo Soares o capitão João Antonio CABRAL CAMELO, sobre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727 (fls 1-6v); - *NOTÍCIA 2ª PRÁTICA* do que lhe sucedeu na volta que fez [o capitão João Antonio Cabral Camelo] das mesmas minas para S. Paulo. (fls.6v a 10v); - *NOTÍCIA 3ª PRÁTICA* dada pelo capitão Domingos Lourenço de Araújo ao R. P. Diogo Soares sobre o infeliz sucesso que tiveram no rio Paraguay as tropas que vinham para S. Paulo no ano de 1730 (fls.10v a 12); - *NOTÍCIA 4ª PRÁTICA* vinda da cidade do Paraguay [Assunção] a nova Colônia do Sacramento com aviso de venda que fizeram os paiaгуás dos cativos portugueses naquela mesma cidade e escrita por D.Carlos de Los Reys Valmaseda. (fls.12 a 13v); - *NOTÍCIA 5ª PRÁTICA* dada pelo capitão Antonio Pires de Campos ao capitão Domingos Lourenço de Araújo, e comunicada por ele ao R. P.Diogo Soares, sobre os Reinos e Nações de Bárbaros que há na derrota da viagem do Cuyabá e seu Recôncavo (fls.13v a 18); - *NOTÍCIA 6ª PRÁTICA* e Relação Verdadeira da derrota e viagem que fez da cidade de S.Paulo para as Minas de Cuiabá o Exmo. Sr. Rodrigo César de Menezes, governador e capitão general da Capitania de São Paulo e suas minas, descobertas no tempo de seu governo e nele mesmo estabelecidas. (Escrita por seu secretário Gervásio Leite Rebello e assinada na Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuyabá em 01 de fevereiro de 1727. (fls. 18 a 25v); - *NOTÍCIA 7ª PRÁTICA* e Roteiro verdadeiro das minas do Cuiabá e todas as suas marchas, cachoeiras, itaipavas, varadouros, e descarregadores das canoas, que navegam para as ditas minas, com os dias da navegação, e travessias, que se costuma fazer por mar e terra. (Assinada por Manoel de Barros, s/ data, possivelmente de finais da década de vinte do século XVIII) (fls. 25v a 35); -*NOTÍCIA 8ª PRÁTICA* exposta na cópia de uma carta escrita do Cuyabá aos novos pretendentes daquelas minas. (fls.35 a 47v). In: Arquivo Distrital da Biblioteca Pública de Évora (BPE), Códice CXVI 1-15.

⁴ Em 1720 o rei D. João V instituiu a Academia Real da História Portuguesa que teve um importante papel no projeto de D. João V para engrandecimento da monarquia

portuguesa através de impressões de obras enaltecidas de suas conquistas ultramarinas. (Ver KANTOR, Iris. 2004).

⁵ BLUTEAU, Raphael. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, MDCCLXXXIX, Vols. I, V e outros. *Vocabulário português e latino...* é o título da edição de 1720.

⁶ Provisão Régia de 18 de novembro de 1729. AHU, códice nº 248 do CU, fls 249v e 250.

⁷ Ver referências dos títulos e autores das *Notícias Práticas* na Nota 3.

⁸ REBELO, Gervásio Leite. NOTÍCIA 6ª PRÁTICA e Relação Verdadeira da derrota e viagem que fez da cidade de S.Paulo para as Minas de Cuiabá o Exmo. Sr. Rodrigo César de Menezes, governador e capitão general da Capitania de São Paulo e suas minas, (...) (Escrita por seu secretário Gervásio Leite Rebelo e assinada na Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuyabá em 01/02/1727). Op Cit [Nota 3] fl. 18.

⁹ CAMELO, João Antônio Cabral, *Notícia 1ª Prática...*, Op. Cit, fl. 1.

¹⁰ Segundo nota à margem do *Roteiro...* de Francisco Palácio, rio *Kéchein* quer dizer “rio onde se cria uma caça chamada cotia”. (fl 28)

¹¹ *Notícia 8ª Prática*, exposta na cópia de uma carta escrita do Cuyabá aos novos pretendentes daquelas minas. Mss. Cód.CXVI 1-15, 2ª cópia, fl 137. (Obs: Não há assinatura e data, mas pode se afirmar ser o mesmo Roteiro da Viagem para as Minas de Cuyabá, escrito em 1726 por Francisco Palácio (Microfilme no IEB-Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo).

¹² Interessante observar que este nome “Quexaim”, que mais tarde se vê escrito como *Coxim*, é o mesmo nome de uma cidade na Índia, e que foi uma feitoria e roteiro de navegantes.

¹³ BARROS, Manoel de. *Notícia 7ª Prática e Roteiro verdadeiro das minas do Cuiabá e todas as suas marchas, cachoeiras, itaipavas, varadouros, e descarregadores das canoas, que navegam para as ditas minas, com os dias da navegação, e travessias, que se costuma fazer por mar e terra*. Op. Cit, fl. 35.

¹⁴ REBELO, Gervásio Leite. *Relação Verdadeira da viagem ... [1726] ou 6ª Notícia Prática*, fls.22-23.

¹⁵ Idem, Op. Cit, fl.23.

¹⁶ CAMELO, João Antonio Cabral. Op. Cit, [Nota fl. 3v. As “vargens” ocorrem principalmente nos períodos das chuvas, onde as águas dos rios vazam por sangradouros (como uma rede de pequenos riachos), formando lagoas e/ou áreas alagadas.

¹⁷ PALÁCIO, Francisco. *Roteiro de Viagem às Minas de Cuaibá*, 1726. fl. 32.

¹⁸ Idem, fl. 45.

¹⁹ BARROS, Manoel de. *Notícia 7ª Prática*, fl. 32. OBS: O rio Taquari sempre foi muito conhecido pela abundância de peixes. Transformou-se, por isso, em região de acampamentos de pesca de mineiros e paulistas, desenvolvendo-se o turismo pesqueiro a ponto de torná-lo altamente predatório e poluidor. Mas a consequência pior foi o desmatamento das suas cabeceiras e matas ciliares para plantio de grandes lavouras (arroz, soja) e pastagens, que causaram assoreamento. Hoje já não existe essa fartura de peixes, encontrando-o este rio com sérios problemas ambientais.

²⁰ BARROS, Manoel de. Op. Cit, fl. 32.

²¹ CAMELO, João Antonio Cabral. *Notícia 1ª Prática*, fl.4v.

²² *Notícia 8ª Prática*, fl. 45v-46.

²³ Agupapé é uma vegetação típica de ambientes alagáveis e recobre lagoas e pequenos riachos do Pantanal. Trata-se de uma espécie muito importante para a manutenção ecológica desse ecossistema.

²⁴ BARROS, Manoel de. fl. 32.

²⁵ PIRES DE CAMPOS, Antonio. *Notícia 5ª Prática*, fl. 15v.

²⁶ ANÔNIMO. 8ª *Notícia Prática*, fl. 46v.

²⁷ ANONIMO. *Notícia 8ª Prática*, fl 46.

²⁸ PIRES DE CAMPOS, Antonio *Notícia 5ª Prática*, fl. 15v.

²⁹ BARROS, Manoel de. *Notícia 7ª Prática*, fl. 32.

³⁰ REBELO, Gervásio L. *Notícia 6ª Prática*, fl. 24.

³¹ BARROS, Manoel de. *Notícia 7ª Prática*, fl. 32v.

³² Op. Cit. fl 4v-5.

³³ REBELO, Gervásio Leite. Op. Cit, fl. 24.

³⁴ BARROS, Manoel de. Op. Cit, fl. 32.

³⁵ CAMELO, João Antônio Cabral. Op. Cit, fl. 5v.

³⁶ REBELO, Gervasio Leite. *Notícia 6ª Prática*, fl. 24.

³⁷ CAMELO, João Antonio Cabral. Op. Cit, fl 6v.

³⁸ ANONIMO. *Notícia 8ª Prática*, fl. 35v.

³⁹ REBELO, Gervásio Leite. *Notícia 6ª Prática...* fl. 25.

⁴⁰ Idem, fls 25-25v.

⁴¹ Nome de uma grande árvore muito comum no Pantanal desta região.

⁴² BARROS, Manoel de. *Notícia 7ª Prática*, Op. Cit, fl. 32v.

⁴³ Espécie de árvore de médio porte, com floração amarela, muito comum nas margens do rio Cuyabá.

⁴⁴ ANÔNIMO. (ou Francisco Palácio) *Notícia 8ª Prática*, fl. 47.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, André Ferrand de. *A formação do espaço brasileiro e o projeto do Novo Atlas da América Portuguesa (1723-1748)*. Lisboa: CNCDP - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001

CALAFATE, Pedro. *A idéia de natureza no século XVIII em Portugal (1740-1800)*, Estudos Gerais, Série Universitária, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 2000.

CARVALHO, Rômulo de. *A História Natural em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Breve, Instituto de cultura e Língua portuguesa, vol. 112, 1987.

CARVALHO, Sílvia M. Schmuziger. 'Chaco: encruzilhada dos povos e melting pot cultural'. In: *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC, 1992, pp. 457-498.

CORTESÃO, J. *A história do Brasil nos velhos mapas*. Tomos I, II e III, Rio de Janeiro, MEC, 1957

DOMINGUES, Ângela. "Viagens de exploração geográfica na Amazônia em finais do século XVIII: política, ciência, aventura?". Lisboa: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1991.

_____. Notícia do Brasil Colonial: a imprensa científica e política a serviço das elites (Portugal, Brasil e Inglaterra) *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 22, no. 35, jan/jun 2006.

DUARTE, Regina Horta. *História e Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DRUMOND, José Augusto. “A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa.” *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vol. 1, nº 2, 1988.

FERREIRA, Mario Olimpio Clemente. *O Tratado de Madrid e o Brasil Meridional: os trabalhos demarcadores das Partidas do Sul e sua produção cartográfica (1749-1761)*. Lisboa: CNPCDP, 2001.

FURTADO, Júnia. As índias do conhecimento ou a geografia imaginária da conquista do ouro. *Anais de História de Além-Mar*, IV, Lisboa: CHAM/Universidade Nova de Lisboa, 2003.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos confins da “civilização”*: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso. São Paulo: Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo, Brasiliense, 3a ed. ampliada, 1990.

_____. *O extremo oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KANTOR, Iris. *Esquecidos e Renascidos*: Historiografia Acadêmica Luso-Americana (1724- 1759). São Paulo: Hucitec / Salvador: Centro de Estudos Baianos, 2004.

_____. Uso diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas. *Varia História*, Belo Horizonte, Vol. 23, N.37, Jan/Jun 2007.

KOK, Glória. *O Sertão Itinerante*: expedições da Capitania de São Paulo no século XVIII. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2004.

LADOURIE, Emanuel Le Roy. O clima: história da chuva e do bom tempo. In: LE GOFF, J.; NORA Pierre.(org.) *História: Novos Objetos*.(3), Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LEITE, Serafim. Diogo Soares, S.I., *Matemático, Astrônomo e Geógrafo de Sua Magestade no estado do Brasil (1684-1748)*. Lisboa: Edições Brotéria, 1947.

MONTEIRO, John Manoel. *Negros da terra*: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PRESOTTI, Thereza Martha. *Na trilha das águas*: índios e natureza na conquista colonial do centro da América do Sul, os sertões de Cuiabá de Mato Grosso, século XVIII. Tese de Doutorado, UnB, Brasília, julho 2008.

ROSA, Carlos Alberto. O urbano colonial na terra da conquista. In: ROSA, Carlos Alberto & JESUS, Nauk Maria de. (Orgs) *A terra da conquista*. história de Mato Grosso colonial. Cuiabá: Edit. Adriana, 2003.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A saga dos sertanistas. In: A formação territorial do Brasil. *Revista Oceanos*, no 40, Lisboa, outubro/dezembro, 1999.

TAUNAY, Afonso d'E. (Coletânea, introdução e notas). *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte; Itatiaia, 1981.

RESUMO: Este artigo apresenta percepções de aspectos da natureza dos rios no centro da América do sul. Os relatos compõem a coleção de *Notícias Práticas* do padre matemático Diogo Soares, que tinha por missão reunir informações das conquistas da América Portuguesa, na primeira metade do século XVIII. Tratam das viagens de canoas na trilha das águas, - as monções paulistas-, com ênfase no ambiente do Pantanal pelos rios Paraguai e Cuiabá. As relações das sociedades indígenas com os rios e seus recursos naturais são evidenciadas, demonstrando a biodiversidade construída ao longo dos tempos.

PALAVRAS-CHAVE: natureza dos rios do centro da América do sul, monções, Notícias, Práticas das Minas de Cuiabá, século XVIII, índios.

ABSTRACT: This article presents perceptions of aspects of the nature of the rivers in the center of South America. The reports comprise the collection of *Practical News* by the priest and mathematician Diogo Soares, who had the mission to gather information on the conquests of the Portuguese America, on the first half of the eighteenth century. They are about the canoe trips on the trail of water, - the paulistas monsoons - with emphasis on the environment of the wetlands by the rivers Paraguai and Cuiabá. The relationships of indigenous societies with the rivers and its natural resources are highlighted, demonstrating the biodiversity built up over time.

KEY-WORDS: nature of the rivers in the center of South America, monsoons, Practical News of the Mines of Cuiabá, eighteenth century,

